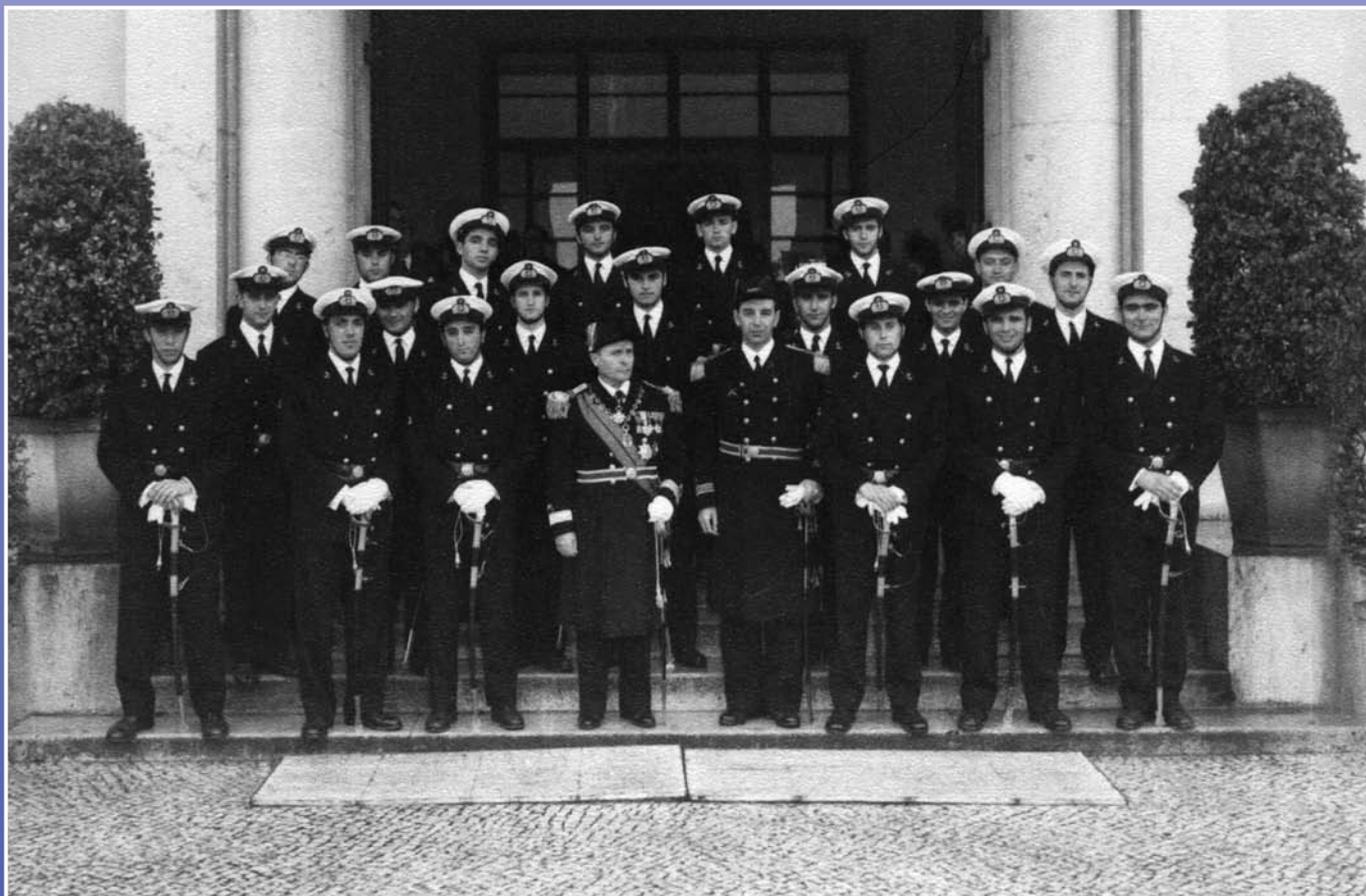




ASSOCIAÇÃO DOS
OFICIAIS DA
RESERVA NAVAL

BOLETIM INFORMATIVO

ANO II • Nº 5 • PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL • JULHO/SETEMBRO 1997



1º CEORN na Escola Naval, no dia do Juramento de Bandeira, em 2 de Março de 1959, com o Director e 1º Comandante, Comodoro Manuel Maria Sarmiento Rodrigues e o Director de Instrução, 1º Tenente Artur Manuel Coral Costa.

1º CEORN

NRP "PÊRO ESCOBAR"-
Viagem de instrução do
1º CEORN em 1959



U

m privilégio

para 3000 membros

da

AORN

- Usufruir para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano de um desconto de 30% sobre os preços de balcão no alojamento dos **Aldeamentos Turísticos de Pedras D'El Rei e Pedras da Rainha em Tavira - Algarve**;

- Usufruir, para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano, de um desconto de 25% sobre os preços de balcão no alojamento (dormida e pequeno almoço) nas seguintes unidades do **Grupo Hoteleiro Fernando Barata**:

Mónica Isabel Beach Club (Albufeira)

Forte de S. João (Albufeira)

Hotel Sol e Mar (Albufeira)

Hotel Suíço-Atlântico (Lisboa)

Aparthotel Auramar (Albufeira)

Hotel Sol e Serra (Castelo de Vide)

Hotel Mar à vista (Albufeira)

Hotel Dom Fernando (Évora)

Oleandro Country Club (Albufeira)

Hotel São João (Funchal)

Residencial Vila Recife (Albufeira)

- Usufruir das vantagens de um protocolo para a formação, a concluir com o IPFEL, Instituto de Línguas e Informática, com centros de formação distribuídos por vários pontos do país, com o objectivo de oferecer aos sócios descontos de 20% (mais 10% no caso de pronto pagamento), na frequência de qualquer dos cursos ministrados por aquele instituto.

Adicionalmente e para cursos específicos de línguas e informática, não programados pelo Instituto, os sócios e familiares poderão contactar o IPFEL, para a possibilidade de aulas individuais ou workshop, **com as mesmas vantagens**;

- Utilizar a messe de Marinha em Cascais;
- Vai ser assinado um protocolo com uma empresa de formação, na área da náutica de recreio, que permitirá à AORN promover cursos com vista à preparação para os exames nas diversas categorias de desportista náutico, nomeadamente, marinheiro, patrão de vela e motor e patrão de costa. Os cursos destinam-se aos Associados e seus familiares e decorrerão nas instalações da AORN. Os interessados deverão enviar a sua inscrição para a sede da Associação.

Em **turismo de habitação**, extensivo até cinco acompanhantes, na margem esquerda do rio Douro. Em qualquer época do ano, na Vila de Resende, com desconto de 30% no alojamento (dormida e pequeno almoço).





Editorial



Publicação Trimestral da Associação
dos Oficiais da Reserva Naval
Nº 5 • Ano II
Julho/Setembro de 1997

Administração e Redacção
Fábrica Nacional da Cordoaria
Rua da Junqueira
1300 Lisboa
Telefs.: 362 68 40 / 362 68 39 (Fax)

**Design gráfico, maquetização,
paginação, fotocomposição,
fotolito e montagem**
M. LEMA SANTOS
Publicidade e artes gráficas, lda.
Pct.º Alexandre Herculano, lt 4 - C/Esq.
Massamá - 2745 Queluz
Telefs.: 439 00 34 / 437 70 53 (Fax)

Tiragem
3000 exemplares



É costume dizer-se que os homens passam e as instituições ficam.

Sendo certo que a Reserva Naval é uma Instituição, queremos que ela fique, para além do desaparecimento do último de nós.

Por isso temos de ser nós a construir a sua História, o seu Álbum de recordações, sem protagonismos saudosistas mas com o firme propósito de não deixarmos que outros escrevam a nossa História, quando afinal fomos nós que a vivemos e a construímos.

Temos de andar depressa, que a vida é curta e já não somos tão jovens quanto isso.

Mas, temos ainda a ousadia de acreditar em nós próprios e a utopia própria da juventude em realizar coisas que nos propusermos fazer.

Assim, iniciamos neste Boletim o nosso contributo para a história da Reserva Naval, com a evocação daquele que foi o seu primeiro curso.

Outros cursos se seguirão, no firme propósito de não nos esquecermos de nós próprios, dos nossos sacrifícios e das nossas vivências.

Pertencemos a uma geração que se orgulha de si própria, com um passado e um presente que tem merecido ao longo dos tempos, por parte dos responsáveis da Instituição que servimos, os mais rasgados elogios.

A constituição da AORN foi a resposta ao desejo manifestado por muitos e concretizado por alguns.

Há quem nos apelide de elitistas sem que, até agora, tal afirmação tenha sido acompanhada de qualquer justificação convincente.

- Se ser **elitista** é criar o espírito da AORN,
- Se ser **elitista** é procurar concretizar acções que possam, de uma maneira ou de outra, beneficiar os seus sócios,
- Se ser **elitista** é utilizar o pouco tempo que o exercício das profissões nos deixa para contribuir para o engrandecimento da AORN,

Então, somos **elitistas**!

- O facto de se trabalhar na constituição do Museu da AORN, a integrar (quem sabe?) no Museu da Marinha, é algo que possa ser considerado **elitista**?

- O facto de mantermos as melhores relações com a Marinha de Guerra é ser-se **elitista**?

Por mim costumo dizer que aceito críticas e sugestões não dos que sabem mais, mas dos que já fizeram melhor.

A AORN é e será aquilo que todos quiserem que ela seja.

Os projectos a que metemos ombros necessitam da colaboração de todos, pois numa Associação com as características da nossa, não se pode esperar que seja só a Direcção a fazer tudo o que desejamos.

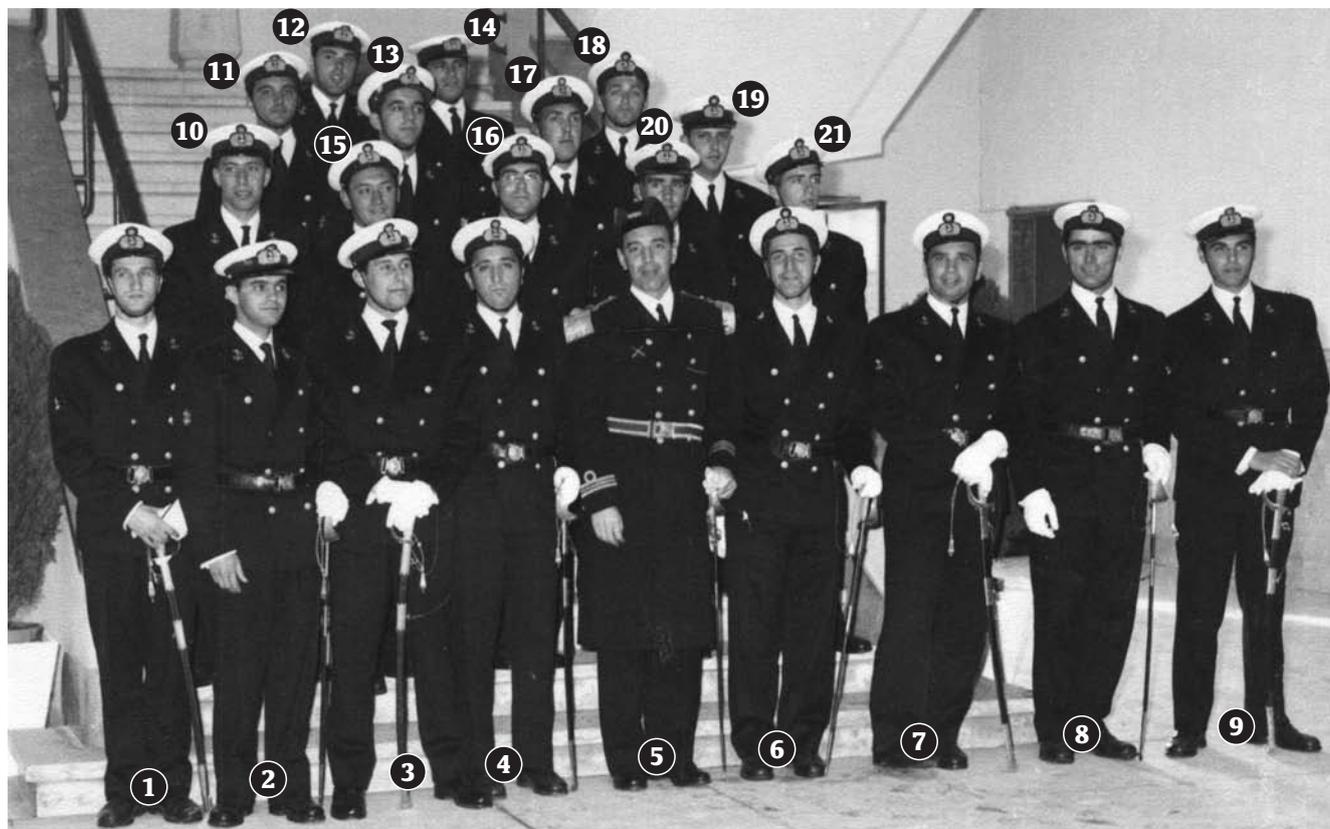
Após o período de férias a que todos temos direito aparece e colabora, pois só assim ficarás a conhecer melhor os nossos projectos e realizações e, ou ficas **elitista**, ou ajudas a construir equívocos.

Todos não somos nem seremos demais.

Mas todos!

Manuel Torres
(8º CEORN)

O 1º CEORN



LEGENDA

- | | |
|--|--|
| 1 Luís Filipe Mendia de Castro | 12 José Valente da Silva |
| 2 Augusto Manuel Rodrigues Correia Pereira de Oliveira | 13 Manuel Ribeiro Couto |
| 3 Carlos Alberto de Oliveira Canelas Cardoso | 14 José Nunes Rodrigues |
| 4 Mário Alberto Duarte Donas | 15 Armando Manuel Monteiro de Barros Pereira |
| 5 1º Ten. Artur Manuel Coral Costa | 16 Manuel António de Paiva Pinto |
| 6 José Augusto Palla Garcia | 17 Gabriel Ângelo Silos de Medeiros |
| 7 Manuel Jaime Sampaio de Andrade Neves | 18 José Manuel da Silveira e Castro Guerra |
| 8 João Gomes de Almeida Rezende | 19 José Eduardo Cardoso Trigo de Morais |
| 9 Manuel Rui Guedes Salgado | 20 Augusto Gonçalves Correia |
| 10 José Alvarez Cavalleri Martinho | 21 Rogério Canas de Sousa Ferreira |
| 11 Rui dos Santos Martins | |

A data de 11 de Agosto de 1958 marca o levantar ferro de uma enorme Esquadra chamada Reserva Naval. Reorganizada pelo Decreto Lei nº 41399 de 26 de Novembro de 1957, quando era **Presidente da República o General Francisco Higinio Craveiro Lopes** e **Ministro da Marinha o Almirante Américo Thomaz**, a Reserva Naval vê as condições de recrutamento e prestação de serviço dos

reservistas estabelecidas pela Portaria nº 16714, de 27 de Maio de 1958, a que se seguiu, em Julho do mesmo ano, uma *“Directiva do Estado Maior da Armada, dando forma ao funcionamento dos Cursos Especiais de Oficiais da Reserva Naval e à prestação de serviço dos reservistas que frequentarem esses cursos”*.

Esta Directiva, publicada na Ordem do Dia à Armada nº 127 de 3 de Julho de 1958,

determina que será de vinte o número limite dos mancebos (posteriormente designados Cadetes) a destacar pelo Ministério do Exército, para a frequência do 1º Curso Especial de Oficiais da Reserva Naval (CEORN) de 1958-1959.

Era **Chefe do Estado Maior da Armada, o Vice Almirante José Augusto Guerreiro de Brito** e **Ministro da Marinha, à data da incorporação deste curso, o Contra**

Almirante Fernando Quintanilha Mendonça Dias.

Catorze Cadetes na Classe de Marinha, dois na Classe de Saúde Naval, dois na Classe de Engenheiros Maquinistas e dois na Classe de Administração Naval, constituíram o primeiro ensaio de uma experiência que viria a permitir, pelo sucesso alcançado desde a primeira hora, que mais 65 Cursos se seguissem.

É este 1º Curso que neste Boletim se recorda, constituindo como que uma homenagem pela responsabilidade que lhe cabe na aceitação que, ao longo de mais de três décadas, a Reserva Naval mereceu da mais antiga Instituição Militar Portuguesa - a Marinha de Guerra.

Foi **Patrono** deste Curso, **Duarte Pacheco Pereira**, navegador e cosmógrafo, nascido em Lisboa (c. 1460-1533), que fez parte da delegação portuguesa que elaborou o Tratado de Tordesilhas, em 1494. O seu livro, "Esmeraldo de situ orbis" - escrito de 1505 a 1508, deixado incompleto e inédito até 1892, revela-o como um dos melhores representantes da escola náutica portuguesa.

Como todos os Cursos que se seguiram, teve este 1º CEORN o seu Director de Instrução, Oficial do Quadro Permanente com a responsabilidade de coodernar todas as actividades dos Cadetes, perseguindo o objectivo de melhorar e corrigir eventuais deficiências na instrução.

Foi Director deste Curso, o então **1º Tenente Artur Manuel Coral Costa**, também responsável pela elaboração dos Manuais das várias disciplinas ministradas, Oficial a quem é dado o devido relevo neste número do Boletim da AORN, considerado muito justamente um dos maiores responsáveis pelo valor atribuído à Reserva Naval.

11 de Agosto de 1958 marca a arrancada para uma viagem que viria a revelar-se recheada de episódios que ajudaram a fazer a História da Marinha de Guerra Portuguesa, na 2ª metade deste século XX.

O então **Director e 1º Comandante da Escola Naval, Comodoro Manoel Maria Sarmiento Rodrigues**, na cerimónia de juramento de bandeira deste 1º Curso, em 2 de Março de 1959, finalizou a sua alocução com a seguinte frase: "... *Os que para cá vieram, sairão da Marinha mais homens, mais Portugueses e terão, decerto, uma melhor compreensão do valor da Marinha e da sua gente. E, nas futuras missões que o destino lhes reservar, não-de com certeza ser-lhes úteis os ensinamentos colhidos e saberão, por sua vez, ajudar a reivindicar para a Marinha o lugar que lhe deve pertencer, dentro do conjunto das actividades nacionais.*

E desta maneira, estaremos pagos, uns e outros, louvando a hora em que foi tomada tão feliz iniciativa".

Premiando o esforço no aperfeiçoamento

dos seus conhecimentos técnicos e qualidades militares e, por despacho do Ministro da Marinha, foi criado o "**Prémio Reserva Naval**" e,

Na Ordem do Dia à Armada Nº 54, de 13 de Março de 1959, pode ler-se: "Sua Ex^a o Chefe do Estado Maior da Armada determina e manda publicar o seguinte:

PRÉMIO RESERVA NAVAL:

No ano de 1958-1959, foi atribuído o "PRÉMIO RESERVA NAVAL" ao Cadete da classe de marinha da R.N. ROGÉRIO CANAS DE SOUSA FERREIRA por ter sido o mais classificado na média de frequência escolar e classificação de carácter militar, na frequência do Primeiro Curso Especial de Oficiais da Reserva Naval.

Foi esta a primeira referência individual feita na O.D.A. a um cadete da Reserva Naval.

Seguiu-se, em 26 de Março, a publicação na O.D.A. Nº 63, da "*promoção ao posto de Aspirante a Oficial, ficando dentro de cada curso colocados na escala de antiguidades pela ordem em que abaixo vão mencionados, a contar de 1 de Março de 1959, sendo nesta mesma ocasião alistados definitivamente na Reserva Naval os seguintes Cadetes:*

a) Classe de Marinha

Rogério Canas de Sousa Ferreira
Manuel Rui Guedes Salgado
Gabriel Ângelo Silos de Medeiros
Manuel Jaime Sampaio Andrade Neves
José Valente da Silva
José Eduardo Cardoso Trigo de Morais
Carlos Alberto de Oliveira Canelas Cardoso
José Manuel da Silveira e Castro Guerra
José Alvarez Cavalleri Martinho
Mário Alberto Duarte Donas
Armando Manuel Monteiro de Barros Pereira
Augusto Gonçalves Correia
Manuel António de Paiva Pinto
Luís Filipe Mendia de Castro

b) Classe de saúde naval (médicos)

José Augusto Palla Garcia
Manuel Ribeiro Couto

c) Classe dos engenheiros maquinistas navais

João Gomes de Almeida Rezende
Augusto Manuel Rodrigues Correia
Pereira de Oliveira

d) Classe de administração naval

Rui dos Santos Martins
José Nunes Rodrigues

Um ano mais tarde, em 1 de Março de 1960, apreciados por um **Conselho de Promoções** de que faziam parte o **Capitão de mar e guerra João Chaves Ubach, o Capitão de mar e guerra Diogo José Leite Pereira de Melo e Alvim e o Capitão de**

fragata da R.A. José Mendes da Rocha Zagalo, estes Aspirantes foram promovidos ao posto de Sub-tenente das várias classes da Reserva Naval iniciando, a partir desta data, o processo de licenciamento e a consequente passagem à disponibilidade.

No entanto, de entre estes, **Gabriel Silos de Medeiros, José Cavalleri Martinho e Carlos Alberto Canelas Cardoso**, manter-se-iam no serviço activo, sendo promovidos, a partir de 1 de Março de 1961, ao posto de 2º Tenentes R.N.

Foram estes os primeiros Oficiais da Reserva Naval a atingir aquela patente.

Canelas Cardoso viria a ingressar, posteriormente, no Quadro de Serviço Especial, mantendo-se nele até atingir o posto de Capitão de mar e guerra.

Os Contra Torpedeiros "TEJO", "DÃO"; "LIMA" e "VOUGA", e as Fragatas "CORTE REAL" e "PERO ESCOBAR" receberam os Aspirantes deste Curso, constituindo o grupo de Navios onde pela primeira vez Oficiais da Reserva Naval prestaram serviço.

Dezenas de outras Unidades tiveram nas suas guarnições, ao longo dos anos, muitas centenas de Oficiais R.N..

Seria no Draga Minas "VILA do PORTO", segundo publicação da Ordem do Dia à Armada Nº 107 que, em 25 de Maio de 1959, o **Aspirante R.N. Luís Filipe Mendia de Castro** assumiria, nos termos do artigo 628º da O.S.N., as funções de Comandante, durante o impedimento, por motivo de serviço, do respectivo Comandante.

Era Comandante deste navio, nesta data, o 1º Tenente Manuel José da Costa Souto e Moura.

Luís Mendia de Castro tornou-se assim o primeiro Oficial da Reserva Naval a exercer funções de comando num Navio da Armada.

A fragata "**PERO ESCOBAR**" tornou-se um símbolo na História da Reserva Naval, por ter sido o primeiro navio onde embarcaram, para a viagem de instrução, os Cadetes do 1º CEORN.

Itália seria o destino desta viagem.

Aliás seria, esta uma das Unidades que recebeu os Aspirantes Sousa Ferreira, Castro Guerra e Paiva Pinto, no primeiro destacamento de Oficiais R.N. para Navios da Armada.

Mantendo-se ao serviço, após a promoção a Aspirante, pelo período de mais doze meses, passou este grupo que constituiu o 1º CEORN por diversos outros navios e unidades.

Os **Navios Patrulhas São Nicolau, Santa Luzia, Sal, Brava, Fogo e S. Vicente**, os **Draga Minas, São Roque, Pico, Graciosa, Rosário, S. Jorge, Corvo e Santa Cruz e as Lanchas Corvina e Dourada**, foram algumas das Unidades por onde passaram estes Oficiais R.N.

O **Hospital da Marinha** foi cenário de prestação de serviço dos médicos deste Curso.

A Ordem do Dia à Armada Nº 27, de 4 de Fevereiro de 1960, refere, pela primeira vez na História da Reserva Naval, a concessão de uma **"MENÇÃO DE APREÇO"** pela actuação do **Aspirante R.N. Manuel António de Paiva Pinto**, da guarnição do Navio Patrulha "S. Vicente", em serviço no Comando Naval dos Açores, pela classificação obtida nas provas de pistola e de espingarda de guerra, no campeonato de tiro do Comando Militar do Arquipélago. Valeria ainda este "feito", cinco dias de licença especial.

E, como registo de curiosidades relacionadas com o 1º CEORN, a O.D.A. Nº 39 de 22 de Fevereiro de 1960 confirma que o **Aspirante R.N. de Administração Naval, José**

Nunes Rodrigues, foi o primeiro Oficial da Reserva Naval a pedir para ser submetido a exame complementar de condução auto de viaturas ligeiras e que o **Aspirante R.N. Andrade Neves** foi o primeiro a encontrar-se na situação de doente, conforme publicou a O.D.A. Nº 83 de 23 de Abril de 1959.

Este relato breve, de factos vividos nos primeiros anos da Reserva Naval, não pretende ser mais do que o recordar de um grupo de vinte jovens que, pela sua actuação ao longo de dezoito meses, permitiu que a Marinha de Guerra reconhecesse a valia da decisão de incorporar entre os seus operacionais, Oficiais não oriundos dos Cursos tradicionais da Escola Naval.

É neste **1º CEORN** do ano de 1958 que a Reserva Naval assenta a sua História e, foi

por causa dele, que mais de 3.000 outros jovens tiveram a possibilidade de conhecer a realidade do Mar e da Instituição Militar a ele ligada.

Uma lembrança especial para aqueles que deste 1º Curso a lei da vida já traçou o destino e, se este relato avivar a memória dos que com eles mais de perto conviveram na Armada, teremos certamente contribuído para lhes prestar uma homenagem sentida.

*José Pires de Lima
(4º CEORN)*

A AORN NA ESCOLA DE FUZILEIROS

A Escola de Fuzileiros recebeu uma delegação da **AORN**, constituída pelos associados Joaquim Moreira, João da Costa Xavier e José Pires de Lima, num almoço que foi motivo para recordações de épocas marcantes da nossa vida.

Como é timbre da Unidade, a que o actual **Comandante, Capitão de mar e guerra Hernâni Resende** deu especial relevo, foi esta delegação recebida de forma superiormente simpática, com um almoço onde também esteve presente o **Comandante Albano Pereira** e outros Oficiais daquela escola.

A visita que nos foi proporcionada ao Museu do Fuzileiro e o diálogo que se estabeleceu,

vai permitir estreitar os laços do melhor relacionamento, num esforço conjunto para que o MUSEU da AORN e o MUSEU do FUZILEIRO vejam aumentados os seus patrimónios.

Prestaram-se os esclarecimentos acerca dos projectos em curso, especialmente aquele que se prende com o levantamento da História da Reserva Naval, em múltiplos aspectos intimamente ligada à História dos Fuzileiros.

A circunstância de serem oriundos dos cursos da Reserva Naval muitos dos Oficiais Superiores da Escola de Fuzileiros, incluindo o actual 1º Comandante, não sendo factor fundamental para um perfeito entendimento



entre a AORN e as Unidades da Marinha de Guerra, foi no entanto aproveitada para uma acção de sensibilização que permitirá ver aumentada a guarnição da AORN.

Congratulamo-nos com a receptividade deste grupo de Oficiais Fuzileiros, sendo evidente que este diálogo permitiu esclarecer dúvidas e abrir caminho a uma colaboração permanente.

É esse o nosso desejo e foi esta uma das razões deste encontro.

O Comandante Hernâni Resende endereçou, de forma oficial, o convite à Direcção da AORN para uma visita à Escola de Fuzileiros, a qual se irá concretizar brevemente, ficando aqui expressos, desde já, os devidos agradecimentos.



Confraternização na Escola de Fuzileiros

... HORIZONTES PRÓXIMOS

Mantendo a velocidade de cruzeiro, a **AORN** vai rumando aos seus objectivos, com a dificuldade própria de quem construiu um navio para grandes navegações e luta com falta de guarnição.

Desde a última Assembleia Geral, em 12 de Abril, no Instituto Superior Naval de Guerra, o trabalho tem sido muito, orientado para alguns **objectivos prioritários**, como sejam o aumento de informações relativas aos RN na Base de Dados, Sede Social e Organização Administrativa.

Numa decisão de melhorar o serviço administrativo, procedeu-se à **contratação**, em 1 de Setembro passado, de uma nova colaboradora. Teremos um atendimento das 15 às 20 horas, com uma eficácia que se deseja melhor.

Depois de assinado o **Protocolo com o Hospital da Marinha**, com as referências largamente divulgadas no último Boletim, mantivemos um contacto quase permanente com esta Instituição. A AORN está a apoiar a Edição comemorativa dos 200 anos do Hospital, está empenhada na colaboração técnica na área da Segurança contra incêndios e igualmente em trabalhos de remodelação envolvendo obras de construção civil. É um contributo possível, resultante da disponibilidade de associados com a formação adequada.

Está em marcha o envio dos **Cartões de Acesso ao Hospital** para os familiares dos sócios, havendo ainda, no entanto, muitos que não remeteram a relação nominal necessária.

No âmbito deste protocolo e, numa intenção de dinamizar os ex-Oficiais RN em torno das

iniciativas da AORN, está em organização um **Encontro de Médicos** e outros Técnicos de Saúde, com igual Grupo do Hospital de Marinha. Temos esperança no sucesso deste Seminário, cuja orientação, por parte da AORN, está a cargo do Dr. Ricardo Migães de Campos (11º CFORN).

Estará também terminado, em breve, o dossier contendo a totalidade dos acordos assinados com empresas que concederam aos sócios da AORN **benefícios diversos**, prevendo-se uma divulgação especial para o seu melhor conhecimento.

A AORN tem já uma embarcação de 6 toneladas, com motor, à disposição do grupo de associados que está a diligenciar para a obtenção da Credencial que lhe permita ministrar cursos e emitir **cartas para desportistas** náuticos. Esta embarcação foi cedida, por empréstimo, por um associado.

Ainda existem algumas caixas de **Vinho da AORN** (PALMELA 1991), colocado à disposição dos sócios no dia da última Assembleia Geral. Quem pretender adquirir alguma, ainda vai a tempo.

Conforme se dá conta em artigo inserto neste número, iniciámos **contactos com a Marinha de Guerra de Angola**, numa oferta de colaboração do nosso associado Engº. Morgado Sequeira (3º CEORN). Tivemos a melhor receptividade nesta diligência, abrindo-se uma porta para o futuro, com um interesse que pensamos evidente.

Esperamos, para breve, a anuência definitiva para a utilização do edifício que servirá de **Sede do Núcleo do Norte**, situado na Póvoa de Varzim. Será certamente um Pólo de dinamização que permitirá levar a efeito outras iniciativas, numa zona

de residência de muitos ex-Oficiais da Reserva Naval.

Numa iniciativa do Estado Maior da Armada, e a convite do CEMA, Almirante Vieira Matias, os Corpos Sociais da AORN foram convidados para um encontro seguido de jantar, no Forte da Giribita, em Caxias. Com diapositivos como suporte, o Almirante Vieira Matias fez uma detalhada exposição sobre a Marinha de Guerra Portuguesa, facultando-nos um melhor conhecimento sobre vários temas. Permitiu-nos também, com este conhecimento, fazermos as comparações inevitáveis entre a Marinha de Guerra actual e a do “nosso tempo”. Foi um encontro de grande abertura e simpatia, dando-nos também a oportunidade de informar, com maior precisão, do andamento das iniciativas da AORN, já que houve a possibilidade de contactos com os Almirantes responsáveis por diversas áreas da Armada, nomeadamente Superintendência do Serviço do Pessoal, Arquivo de Marinha e Serviços Administrativos.

O Presidente da Assembleia Geral da AORN teve, na altura, oportunidade de agradecer de forma muito especial este convite. Não fica mal, neste Boletim, reiterar esses agradecimentos, bem como a forma rápida como foram atendidas, posteriormente, algumas das nossas pretensões, nomeadamente o acesso aos Arquivos de Marinha que interessam, particularmente, ao grupo de trabalho empenhado na feitura da nossa História e no levantar do nosso Museu.

CARTÃO DE UTENTE DOS SERVIÇOS DO HOSPITAL DA MARINHA



ASSOCIAÇÃO DOS OFICIAIS
DA RESERVA NAVAL

BRUNO A. M. BARRETO
Beneficiário D 01 182

O titular deste cartão, está autorizado a utilizar os serviços do Hospital de Marinha, ao abrigo do protocolo celebrado em 07 de Maio de 1997.

1997

Este cartão é pessoal e intransmissível, carecendo de certificação através de documento oficialmente reconhecido

A AORN E O CTE. ARTUR MANUEL CORAL COSTA

DADOS BIOGRÁFICOS MILITARES



O Comandante **Artur Manuel Coral Costa**, nasceu em 9 de Julho de 1924, tendo-se alistado na Armada em 6 de Setembro de 1943.

Foi promovido ao seu actual posto de Capitão-de-mar-e-guerra, em 2 de Setembro de 1974.

Frequentou a Faculdade de Ciências de Lisboa (1942/1943), completando o curso da Escola Naval entre 1943 e 1946, pertencendo ao curso D. JOÃO I.

Em 1948/1949 tirou o curso de especialização em Artilharia (A), na Escola de Artilharia Naval.

Continuou a sua formação, frequentando o curso de Defesa Atómica, Biológica, Química e Limitação de Avarias (ABCD), em Inglaterra, no ano de 1954.

Cursou também nos Estados Unidos da América, em 1955/56, no aperfeiçoamento em Artilharia Antiaérea (AA).

Em 1962/63, frequentou o Curso Geral Naval de Guerra (CGNG), voltando a Inglaterra, em 1974, para a frequência do Naval Tactical Course (TN/CI).

Foi Oficial de guarnição e Oficial Imediato de várias Unidades Navais, Instrutor da Escola de Artilharia Naval (1954/56), integrou a Missão de Recepção das Fragatas da "Classe Diogo Cão", nos Estados Unidos da América (1956/57), organizou e foi Director dos Cursos de Formação dos Oficiais da Reserva Naval (1958/1960), pertenceu ao Estado Maior da Armada (1963/67) e esteve na Embaixada de Portugal em Madrid, como Adido Naval (1970/73).

Teve os seguintes Comandos:

L/F "ALTAIR" (1948); PATRULHA "SANTO ANTÃO" (1960/63); CORVETA "CACHEU" (1967/69); FRAGATA "MAGALHÃES CORRÊA" (1973/75); INSTALAÇÕES NAVAIS DE ALCÁNTARA (1976/80)

O Comandante Artur Manuel Coral Costa é condecorado com a Medalha Militar de Prata de Serviços Distintos, Medalha Militar de Mérito Militar de 2ª classe, Medalha Militar de Ouro de Comportamento Exemplar, Comenda da Ordem Militar de Aviz, Medalha Comemorativa das Expedições das Forças Armadas (legenda Cabo Verde 1967/69), Medalha de Prata Comemorativa de V Centenário da Morte do Infante D. Henrique e Medalha de Mérito Naval de Espanha, de 1ª Classe, com Distintivo Branco.

ENTREVISTA COM O COMANDANTE ARTUR MANUEL CORAL COSTA

Recordando neste número do Boletim da AORN o **1º CEORN**, pareceu-nos importante evocar o Oficial da Armada que foi seu Director de Instrução e, simultaneamente, o primeiro Director de Instrução de toda a História da Reserva Naval.

Para o efeito, decidimos visitar o **Comandante Artur Manuel Coral Costa** e ouvi-lo na descrição de factos marcantes do início de uma época que, passados 40 anos, estamos tentando reavivar na memória desta Associação.

Esta conversa, em ambiente de extrema simpatia, decorreu em casa do Comandante Coral Costa, com a revelação de algumas situações que nos ajudam ao conhecimento da nossa História.

AORN - No seu entender, Sr. Comandante, o que teria levado a Marinha de Guerra a incorporar nas suas fileiras Oficiais da Reserva Naval?

Cte.C.C. - Na altura, os Quadros normais da Marinha não previam operações de guerra nas Províncias Ultramarinas. Isto quer dizer que qualquer Oficial que destacava para Angola, Moçambique ou Guiné, era desligado do Quadro. Desta forma, dava-se uma consequente redução dos efectivos no

Continente, com as evidentes dificuldades de preencher os lugares e posições que ficavam vagas.

O único pessoal que não desligava era o dos Navios e o dos Destacamentos de Fuzileiros. Capitães de Portos, Governadores de Província, Comandantes de Defesa Marítima e outros, eram desligados do Quadro.

Como se depreende, não havia Quadros para as necessidades exigidas por três frentes de combate.

Esta situação veio a verificar-se alguns anos mais tarde, mais precisamente três anos após a entrada, em 1958, do 1º curso da Reserva Naval, podendo considerar-se a decisão de iniciar estes cursos como uma antecipação, ou previsão, de situações e cenários que vieram a ser realidade.

AORN - Qual a sensação que então sentiu, quando foi nomeado Director do 1º CEORN?

Cte.C.C. - Estava eu a bordo da Fragata "Diogo Gomes", como Oficial Imediato; recebi, através do respectivo Comandante Basílio de Sousa Pinto, a indicação que o Almirante Quintanilha me queria falar.

Conhecia o Almirante Fernando Quintanilha desde a viagem do Aviso "Bartolomeu

Dias" às comemorações da coroação da Rainha Isabel II de Inglaterra. Ele era então o Comandante deste navio e eu o Oficial Chefe do Serviço de Artilharia.

Mas não fazia a mais pequena ideia de qual seria o assunto sobre o qual ele me queria falar.

Dirigi-me ao Gabinete do Almirante Quintanilha, apresentei os cumprimentos normais e, com o feito que se lhe conhecia, não perdeu mais tempo com grandes explicações. Deu um murro na mesa e disse-me - Coral, vamos começar com a Reserva Naval!

Percebi, então, que qualquer pergunta que fizesse seria absolutamente extemporânea.

E disse: Pois sim, Senhor Almirante. E terminou ali a conversa.

Quando cheguei ao corredor, disse para comigo: O que será isto? Onde é que hei-de ir?

E dirigi-me, penso, que ao sítio certo. Na 1ª Divisão de Estado Maior estava o **Comandante Manuel Pereira Crespo**, futuro Ministro, que foi uma pessoa que remodelou a Marinha em muitos aspectos, de grande valor, CMG na altura e muito meu amigo. Expliquei-lhe a situação e recebi algumas preciosas directivas.

Passaram-me para a Escola Naval, mas era em casa que trabalhava no assunto, dia e noite.

Tinha um mês para fazer o trabalho.

Eu já tinha estado no Estrangeiro, sabia mais ou menos os planos de um curso desta natureza, o tempo que se leva a falar de certos assuntos, de alguns pormenores importantes e acabei por fazer o Plano do Curso.

Evidentemente que tive de recorrer a camaradas que me ajudaram em períodos muito especiais, como foi o caso da Navegação, em que foi fundamental o apoio do **Cte Píndaro de Azevedo**. Era aliás uma matéria que ninguém acreditava fosse possível ensinar em tão pouco tempo.

Refiro aqui outras colaborações que me foram dadas. Para as matérias de Máquinas recorri ao **Eng.º Vila Real**, também formado pelo Instituto Superior Técnico. Nas matérias de Luta Anti-Submarina, ao **Tenente Virgílio de Carvalho**; para as Comunicações, ao **Tenente Paulo Manuel Guerra Corujo**, para as Informações de Combate, ao **Tenente João Encarnação Simões** e, para Administração Naval, aos **Tenentes Alfredo de Oliveira e Carlos Pereira de Oliveira**.

Feito este estudo, extrapolei para seis meses, nem mais um dia. No total, um ano e meio de serviço.

Toda a gente concordou e começámos.

AORN - Posso concluir das suas palavras que isso foi um desafio?

Cte.C.C. - Eu gostaria de dizer ao Sr. Almirante Quintanilha: A Reserva Naval começou e muito bem. Cresceu, aumentou e sempre cada vez melhor. Teve Comandantes de lanchas, teve Fuzileiros ao nosso lado, autênticos heróis. Portanto, nada mais se poderia exigir. E além de tudo o mais, cada vez está mais viva.

Tem a sua Associação, o seu Boletim, pelo que podemos considerar que tivemos muita sorte.



“... Mas não houve qualquer tipo de problema.”



“... A Reserva Naval começou e muito bem. Cresceu, aumentou e sempre cada vez melhor...”

AORN - O Sr. Comandante já nos vai avançando para outra pergunta: Como previa que fosse o comportamento desses novos Cadetes?

Cte.C.C. - Eu sentia alguns problemas. A Marinha era muito fechada.

Todos me interrogavam: -Como vais dar Navegação em apenas seis meses?

Além disso, havia o problema de ter gente formada, fechada toda a semana na Escola; Engenheiros, Médicos, Advogados, como iriam acatar estarem fechados depois da vida livre na Universidade?

Mas não houve qualquer tipo de problema.

AORN - A que conclusão chegou o Sr. Comandante no final do 1º Curso?

Cte.C.C. - Francamente positiva. Eu assisti a todas as aulas, evidentemente falhando uma ou outra, as que se davam em Vila Franca ou as de Máquinas que me interessavam talvez menos. Concluí que as aulas eram muito bem dadas. Muito poucas correcções foram feitas para o 2º ano.

Achei que íamos no bom caminho.

AORN - Tendo certamente acompanhado o percurso, não só dos Oficiais do 1º Curso, como de outros que se seguiram entende que foi útil para a Marinha de Guerra a presença de Oficiais da Reserva Naval?

Cte.C.C. - Sem qualquer dúvida. Não há Marinha nenhuma no mundo que possa fazer uma guerra em três frentes, com os Quadros previstos para uma actividade normal.

As nossas Reservas estavam erradas. A nossa era a Reserva Marítima, os Oficiais da Marinha Mercante.

Ora, em tempo de guerra, os Oficiais da Reserva Marítima são ainda muito mais necessários à Marinha Mercante do que à Marinha de Guerra.

Em resumo, nós não tínhamos Reservas. Por isso, o chamar-se a Reserva Naval foi

uma decisão extraordinária. No fim, é o que se faz lá fora. Estive em Inglaterra, nos Estados Unidos da América e é isso o que eles fazem.

AORN - Mantém ainda hoje contactos com antigos Oficiais dos Cursos de que foi Director?

Cte.C.C. - Não tanto como desejaría. Mas isso é próprio da vida de Marinha. Não tenho com os Oficiais da Reserva Naval como não tenho com a maioria, digamos, dos Oficiais meus camaradas. Bem, camaradas somos todos, mas refiro-me aos camaradas do meu tempo.

A Marinha não se presta a isso.

Eu tive do meu Curso, 26 Oficiais de Marinha e estive uma única vez embarcado, um mês, com um “Filho da Escola”. Daí para cá, nunca mais.

AORN - Mudando um pouco o rumo à nossa viagem, em que sulcámos as ondas das recordações, qual a opinião do Sr. Comandante sobre o aparecimento da AORN?

Cte.C.C. - Representou para mim uma grande alegria e um grande alívio. Eu sempre fui partidário dos Oficiais da Reserva Naval pertencerem ao nosso Clube, o Clube Militar Naval.

Claro que nunca fui de reuniões nem de fazer discursos, mas por fora, sempre dei a minha opinião nesse sentido.

Tendo em causa a vossa acção, entendia ser uma solução justa.

Portanto, quando vi surgir a Associação fiquei muito satisfeito e só desejo que tudo vos corra bem.

AORN - A disponibilidade para oferecer à AORN parte significativa do espólio do Sr. Comandante, constitui uma forma de perpetuar a sua inegável e inesquecível ligação à AORN?

Cte.C.C. - É verdade, é verdade. Cem por cento. Ao longo da minha vida e, pelo curriculum que vos mostrei, conclui-se que mais de

metade do tempo passei-o a bordo. Mais do que aqui em casa.

Penso que as minhas coisas relacionadas com a vida de Marinha não irão ter continuidade, os livros que fui comprando para os ler mais tarde quando houvesse mais tempo, terão possivelmente o destino da Feira da Ladra.

Tudo são bocadinhos meus. Pensar que tudo iria, talvez, ser vendido a peso, era de facto um desgosto enorme.

Numa Biblioteca Nacional de Marinha iria passar despercebido. Num Museu, igual.

Eu tenho esperança que, na vossa Associa-

ção, serão de facto apreciados. Com outra curiosidade, até porque de entre estes livros há alguns que são realmente bastante bons.

AORN - *As conversas entre Marinheiros são como as cerejas. Acreditamos que ficaríamos horas infundáveis a navegar nas ondas das recordações.*

Mas não nos atrevemos a tirar mais tempo ao descanso do Sr. Comandante.

Vamos assim, dar volta à conversa.

Não nos retiraremos, porém, sem antes lhe agradecer a disponibilidade, a sua riqueza de alma e as citações amigas que dirigiu à guarnição da Reserva Naval.

Com o peso do orgulho que temos de um dia termos pertencido à Marinha de Guerra Portuguesa, despedimo-nos:

- Sr. Comandante, DETERMINA MAIS ALGUMA COISA?

Cte.C.C. - NÃO MUITO OBRIGADO.

Manuel Torres
(8º CEORN)

José Pires de Lima
(4º CEORN)



A AORN E A MARINHA DE GUERRA DE ANGOLA

As regulares visitas a Luanda do nosso associado **Manuel Morgado Sequeira**, do 3º CEORN, possibilitaram, no âmbito dos seus contactos profissionais, um encontro com o Chefe do Estado Maior da Marinha de Guerra de Angola, o **Almirante Gaspar Santos Rufino**.

Tendo sido portador de uma carta do Presidente da Direcção da AORN, manifestando o nosso interesse no estabelecimento de um protocolo de colaboração com a Marinha de Guerra de Angola, teve esta Associação a oportunidade de dar a maior divulgação, nesse encontro, aos objectivos que presidiram à sua fundação, campo de actividades estatutárias e projectos em que nos encontramos a trabalhar.

À oferta da medalha comemorativa da fundação da **AORN**, feita na ocasião, retribuiu o Almirante Gaspar Santos Rufino, com a promessa de um empenhamento pessoal, no sentido de uma eventual recuperação de peças pertencentes aos navios da Marinha de Guerra Portuguesa, que passaram à situação de desarmamento e ficaram em Angola em 1975.

Particularmente a recuperação de material respeitante às Lanchas de Fiscalização Grandes (LFG) ou Pequenas (LFP), ou às de Desembarque (LD), cuja actividade se encontra intimamente ligada à Reserva Naval, constitui um dos objectivos perseguidos pela Comissão Instaladora do Museu da AORN, desde o início da sua actividade.

Algumas semanas após este encontro fomos comunicado estar à nossa disposição diverso material que pertenceu às Lanchas das classes "ARGOS" e "BELLATRIX".

Constitui esta notícia motivo de grande satisfação não só pelo que representa de valorização do nosso Museu, mas também pelo significado do gesto do Almirante Gaspar Santos Rufino, sendo justo pensar-se que não será difícil estreitar o relacionamento referido na carta do Presidente da AORN.

Oportunamente, endereçou a Associação os agradecimentos ao Almirante Gaspar Santos Rufino, sendo-lhe ainda ofertada, devidamente emoldurada, a fotografia que ilustra esta notícia.

Neste Boletim, ao darmos conhecimento destes factos aos associados da AORN, reiteramos os agradecimentos ao Almirante Santos Rufino, reconhecidos ainda pela sua sensibilidade para com o projecto do Museu da AORN.

Foi portador desta fotografia, o **Capitão de Mar e Guerra António Manuel Mateus**, até há pouco tempo Comandante da Escola de Fuzileiros e, actualmente, em missão oficial de serviço em Angola.

O Comandante António Manuel Mateus, do Quadro Permanente de Oficiais da Armada, pertenceu ao 16º CFORN que iniciou o seu curso, na Escola Naval, em 22 de Janeiro de 1970.



Luanda - Agosto de 1997
Oferta da Medalha da AORN ao Almirante Gaspar Santos Rufino, Chefe do Estado Maior da Marinha de Guerra de Angola.



DA PONTE AO CONVÉS

Pensava eu que havia levantado ferro nesta rúbrica, mas afinal voltei a fundear.

Conta-se que, na viagem de cadetes do 8º CEORN, algures entre Cabo Verde e os Açores, o Cte. Peixoto Correia, do alto da sua cadeira de comando na ponte da Diogo Cão, teria solicitado ao cadete de serviço de quarto que se informasse da

distância à Corte Real.

Solicito, o cadete dirigiu-se ao telefone da ponte:

“CIC daqui fala fulano de tal...”

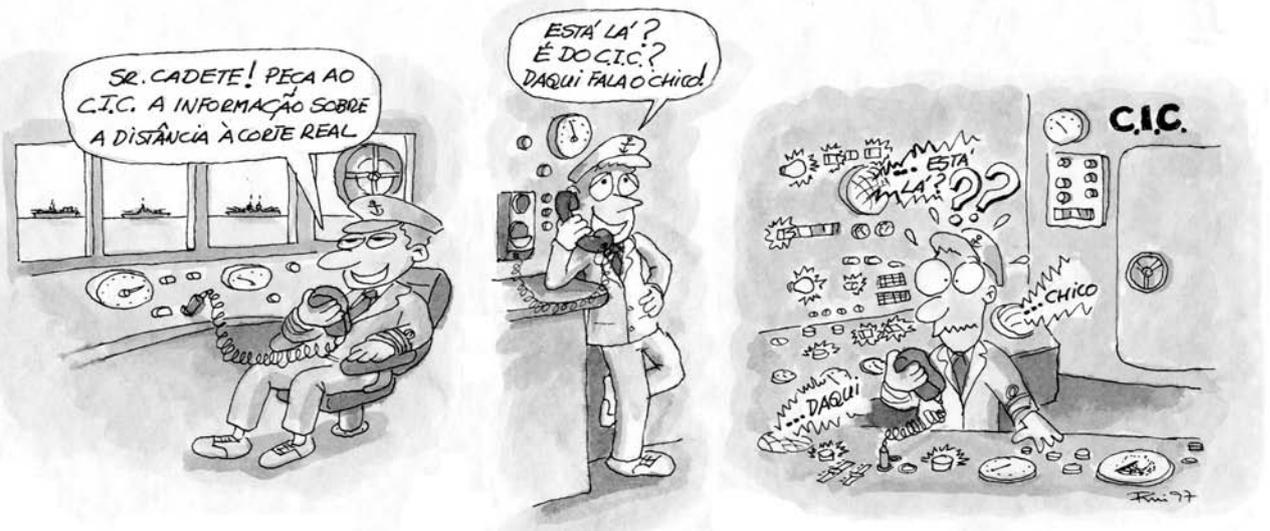
Ao que dizem o Comandante ia caindo da cadeira.

Este nosso camarada de Administração Naval não estava muito adestrado com os procedimentos radiotelefónicos, mas isso

pouco importa, pois aquela não era a sua vida.

No entanto, em matéria de Leis e Constituição, não há procedimentos que o batam.

Manuel Torres
(8º CEORN)



PARA A HISTÓRIA DA AORN

(... um comentário que é também um apelo)

No trabalho de pesquisa que a Comissão Instaladora do **Museu da AORN** tem levado a cabo está incluída a recolha de elementos referentes a Unidades onde foi mais notória e frequente a actividade dos Oficiais da Reserva Naval. Este trabalho tem o duplo objectivo de nos situar em cenários diversificados e, simultaneamente, contribuir para a própria História dessas Unidades.

É nossa convicção que os Arquivos da Marinha de Guerra não terão o material bastante que possibilite a descrição do percurso destas Unidades, com o pormenor

que se deseja o mais vasto e rigoroso.

Nomeadamente no que se refere às Lanchas de Fiscalização, Navios onde a quase totalidade dos seus Comandantes foram Oficiais da Reserva Naval, só estes poderão dar o melhor contributo para este trabalho.

Dois navios estão particularmente na mira desta Comissão. Referimos as Lanchas de Fiscalização **“BELLATRIX”** e **“ALVOR”**, por serem Unidades que deram o seu nome à respectiva Classe e das quais, por feliz acaso, foi possível obter, até ao momento, documentos do maior interesse.

Faltam, no entanto, elementos fundamen-

tais para esta História. Fotografias obtidas pelas diversas Guarnições, nomeadamente as referentes às entregas de Comando, transcrições de notícias várias, objectos dos Navios e até fotografias dos próprios Comandantes (Bilhete de Identidade Militar), são documentos que irão permitir retirar do esquecimento, Navios que estão em risco de se tornarem vagas lembranças.

A relação dos Comandantes destes Navios que a seguir se trancreve permitirá, talvez, que cada um dos visados se sensibilize para esta ajuda, retirando do **“baú”** o saco das recordações que por lá estiverem esquecidas.

COMANDANTES DO N.R.P. “BELLATRIX” - P 363

Fernando Manuel da Silva Ferreira (3º CEORN)
Rui George Osório de Castro (4º CEORN)
António Simas de Oliveira Vera Cruz (6º CEORN)
Manuel Henrique Vieira de Sousa Torres (8º CEORN)
Rui Jorge Ramos de Lima (10º CFORN)
António José Fonseca Prezado Alves (15º CFORN)
Fernando Manuel Correia dos Santos (18º CFORN)
José Manuel Miranda Themudo Barata (21º CFORN)

COMANDANTES DP N.R.P. “ALVOR” - P 1156

José Augusto Paes Pires de Lima (4º CEORN)
Luis Manuel Caldeira Pinto (12º CFORN)
Francisco Picão Barradas (16º CFORN)
Emídio Branco Xavier (19º CFORN)
Virgílio Manuel da Cunha Folhadela Moreira (19º CFORN)
Artur Augusto Leal Mimoso (22º CFORN)

Nota: Para esta ajuda, não é preciso ser sócio da AORN.

O MUSEU DA AORN

No Nº 3 do nosso Boletim, demos informação, em linhas gerais, do projecto do Museu que, de forma viva, se pretende que seja o reflexo da nossa passagem pela Marinha de Guerra.

A nossa História de 40 anos tem, indiscutivelmente, várias maneiras de ser abordada e contada. O recurso a documentos existentes nos Arquivos de Marinha e muitas outras ofertas de ex-Oficiais da Reserva Naval possibilitaram, de forma ordenada e cronologicamente correcta, dar início ao relato desta “aventura”.

Não somos de lamentos, mas não podemos deixar de dar conta da manifesta insuficiência de colaboradores para levar a cabo uma imensidade de tarefas que este projecto exige.

Não será por isso que a obra deixará de ser visível. Levará certamente mais tempo, mas vai aparecer. E quando surgir a primeira exposição de documentos, não temos dúvidas que mais adesões se verificarão. É assim, desde sempre, no associativismo nacional.

Podemos, nesta altura, informar que raros são os dados de registo existentes nos Arquivos de Marinha, de 1958 a 1971, que não sejam já do conhecimento da AORN.

Neste campo, e até 1971, promoções, destacamentos, louvores, condecorações, nomeações e outros elementos referentes aos CEORN e CFORN deste período, passaram a existir também nos ainda desordenados Arquivos da AORN.

Com estes documentos e utilizando igualmente objectos e fotografias cedidas por camaradas nossos, pensamos ter já material para mostrar, em próximo encontro, o começo da nossa História. Isto, porque são importantes os documentos existentes, referentes ao 1º CEORN, com o qual se inicia este relato.

De forma relevante e, de um simbolismo muito especial, damos neste espaço o justo

e devido realce às ofertas recebidas do 1º Director de Instrução que a Reserva Naval teve, o **Comandante Artur Manuel Coral Costa** que, sensibilizado pelo projecto da AORN, se prontificou de imediato a uma total colaboração.

A oferta da sua própria Farda, as suas Condecorações e a sua Espada, as mesmas que figuram na fotografia que o Comandante Coral Costa tirou junto do 1º CEORN, na Escola Naval, no dia do juramento de Bandeira deste curso, revela da parte deste Oficial da Armada, a sensibilidade extrema para com a Reserva Naval a que se ligou por dever profissional, mas a quem se une por outros sentimentos mais profundos.

A amizade, o orgulho legítimo em ter sido o responsável primeiro pelos cursos da



consulta para um melhor conhecimento daquela época, abordando temas como a guerra Aeronaval no Pacífico, no Atlântico e no Mediterrâneo.

Se o encontro do Comandante Coral Costa com a Reserva Naval constitui, após décadas de afastamento, motivo de satisfação para quem iniciou e foi responsável em 1958 por esta “aventura”, a forma como recebemos o apoio imediato para esta iniciativa é indiscutível motivo de estímulo que não deixamos de salientar.

Expressamos ao **Comandante Artur Coral Costa** os maiores agradecimentos pelo valor e simbolismo das ofertas, fiel acto de prova da amizade que liga a Reserva Naval ao Quadro dos Oficiais da Armada.

A **Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses** é credora dos agradecimentos da AORN, pela oferta que fez de uma

Biblioteca, constituída de 177 volumes sobre esta temática. Os agradecimentos da Associação ao seu Presidente, **Professor Doutor António Manuel Espanha**, são aqui reafirmados, por este contributo que muito valoriza o nosso património.

Também a **Fundação Luso - Americana para o Desenvolvimento** se constitui apoiante activo do projecto de lançamento do Museu da AORN, permitindo-nos a aquisição de equipamento de gravação digital, fundamental para os trabalhos de recolha e tratamento de documentos dos Arquivos da Marinha.

A Associação dos Oficiais da Reserva Naval ficará para sempre agradecida a esta Fundação, pelo reconhecimento no interesse histórico desta iniciativa e pela confiança manifestada no ofício que recebemos do seu



Reserva Naval e até a saudade, deixaram uma profunda marca no Comandante Artur Coral Costa, como são prova disso estas importantes ofertas para o nosso Museu.

Não bastava este gesto, que a todos quantos contactaram recentemente com o **Comandante Coral Costa** tocou profundamente e, quis ainda este Oficial fazer entrega à AORN da sua Biblioteca Naval, constituída por mais de 140 volumes, contando-se de entre eles edições do maior interesse, com obras de autores como o Comandante Abel Fontoura da Costa, o Comandante António Marques Esparteiro e os 30 volumes de “Três Séculos de Mar”, ou a colecção encadernada da “Revista de Marinha”, publicada entre 1937 e 1971.

De autores estrangeiros, relatos sobre a II Guerra Mundial, em edições de grande rigor histórico e que constituem fonte de



Presidente do Conselho Executivo, **Dr. Rui Chancerelle de Machete**.

Damos igualmente notícia, da autorização do **Almirante Superintendente do Serviço do Pessoal**, para consulta dos Arquivos de Marinha onde se encontram os Registos Pessoais, não classificados, de todos os cerca de 3.000 Oficiais da Reserva Naval, possibilitando o conhecimento, sem falhas, de todos os documentos de interesse para a nossa História.

Nesta autorização, está incluída a possibilidade de recolher em fotocópia ou digitalizando, os elementos julgados importantes.

A AORN, embora o tenha já feito directamente, reitera neste Boletim, ao **Vice Almirante Duarte Reis**, os agradecimentos pela imediata autorização concedida ao nosso pedido e, igualmente, as palavras de encorajamento do ofício que nos enviou.

Também ao **Sr. Almirante CEMA, Almirante Vieira Matias** são devidos os agradecimentos pela autorização concedida para acesso da AORN ao arquivo fotográfico do Estado Maior da Armada.

Não descurando as possibilidades de ligação a África, pelo que este tema tem de importante para a nossa História, não perdemos a oportunidade de estabelecer contactos com responsáveis navais de Angola, Moçambique e Guiné, fazendo-o através de associados que a estes países se deslocam, com frequência, por razões profissionais.

Em artigo destacado deste Boletim, se relata o encontro com o **Chefe do Estado maior da Marinha de Guerra de Angola, Almirante Gaspar Santos Rufino**, sendo no entanto de assinalar aqui, o empenhamento da sua parte em contribuir para o museu da AORN, de que é prova disso a próxima entrega de material pertencente aos

navios das classes "ARGOS" e "BELLATRIX", dois modelos de lanchas que, em África, foram parte integrante da História da Reserva Naval.

O nosso reconhecimento ao **Almirante Gaspar Santos Rufino**, encontra-se relatado no referido artigo.

Uma mensagem, que é um apelo a todos aqueles que possam contribuir para este projecto. Sócios e não sócios da AORN, que esta História é de toda a Reserva Naval:

Certamente ao canto de uma gaveta, será possível encontrar fotografias, documentos amarratados e objectos eventualmente com algum pó.

Material que poderá parecer de pouco interesse a quem o possui, mas que outros exemplos demonstraram serem, afinal, raridades de grande valor.

A Comissão Instaladora do Museu pouco poderá fazer se não aparecerem ofertas que permitam, mais depressa, juntar as peças

deste imenso "puzzle".

A qualidade só terá expressão, se resultar de uma importante quantidade. Ambicionamos poder fazer esta obra em três ou quatro anos.

Embora haja um constante afluxo de material, consideramos que navegamos, ainda, a velocidade de cruzeiro.

Classe de Marinha: - Temos de navegar a vante toda a força!

Médicos: - Precisamos de vacinas!

Engenheiros: - Falta combustível!

Fuzileiros: - Mandem rações de combate!

Administrativos: - É preciso dinheiro!

Arquitectos: - Ajudem a fazer este projecto!

Juristas: - Não nos condenem a prisão perpétua!

A Comissão Instaladora



UMA ATITUDE QUE SE DESTACA



Sem que a AORN se tivesse empenhado em qualquer acção directa, foram recebidos, na nossa sede, 8 volumes da obra intitulada "Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa".

Sendo, indiscutivelmente, um trabalho literário do maior interesse e rigor, o autor, Senhor Comandante Armando da Silva Saturnino Monteiro, com uma simpatia e sensibilidade acrescidas, fez-nos chegar a oferta acompanhada de uma dedicatória pessoal.

Esta atitude revela, de forma marcante,

o apreço de mais um distintíssimo Oficial da Armada para com a Reserva Naval, permitindo a valorização do nosso património cultural.

Ao Senhor Comandante Armando Saturnino Monteiro, o Museu da AORN agradece sensibilizado a oferta, que será devidamente estimada e utilizada pelos seus associados interessados pelos temas históricos.



ACOSSAR A RÚSSIA

É curioso meditar que neste final de século o grande derrotado de duas guerras mundiais - a Alemanha - é hoje o mais poderoso e próspero país europeu, firmemente incrustado na NATO e na UE enquanto a Rússia, o grande derrotado da Guerra Fria, entra o segundo milénio à deriva, longe de poder pertencer à NATO ou à Comunidade Europeia e para quem não houve qualquer Plano Marshall ou esforço concentrado da Comunidade Internacional para a ajudar a refazer-se de 70 anos de socialismo. Mas foi a Rússia que mais mortos sofreu (mais que todos os outros países aliados juntos) na derrota do nazismo e que para todos os efeitos se libertou a si própria e deu a liberdade aos chamados países satélites acabando assim a Guerra Fria.

A diferença do tratamento da Alemanha, após a Segunda Guerra, pelos vencedores e da Rússia após a Guerra Fria não podia ser maior. Pois o que hoje verificamos é que a Rússia, junto das suas próprias fronteiras, encontra agora a NATO que inclui os seus inimigos da primeira e segunda guerra, os seus aliados nas mesmas guerras e ainda, para cúmulo, alguns dos seus aliados na Guerra Fria (Polónia, República Checa e Hungria).

Os presentes políticos não aprendem com a história. O Congresso de Versaillies em 1919 lançou para o ostracismo a Alemanha e a Rússia, o que criou as sementes para uma nova guerra com a Alemanha e deu lugar a uma sensação de isolamento à Rússia que justificou durante décadas uma paranóia de repressão interna.

Depois da segunda guerra, os Aliados vencedores tentaram não cometer os mesmos erros com a Alemanha e tentaram

implementar o famoso dictum de Churchill: “Na Guerra: resolução. Na Derrota: desafio. Na Vitória: magnanimidade. Na Paz: boa vontade.” Hoje, cinco anos após a vitória na Guerra Fria não parece haver grande magnanimidade para com a Rússia. A expansão da NATO até às suas fronteiras foi, e é, uma profunda humilhação para a Rússia contra a qual esta, devido à sua presente fraqueza pouco ou nada pode fazer. Mas feriu fundo e causará, nos anos que se seguirão, sequelas graves para a paz naquela região. Sobretudo tão desnecessariamente. É claro que se compreende a vontade da Polónia, República Checa e da Hungria de se abrigarem sob o parasol defensivo da NATO. Mas porquê só estes três países? Porque não a Roménia e, sobretudo, porque não os três países Bálticos?

Se um dia a Rússia se militarizar e exprimir ambições de se expandir para Ocidente, então considerar-se-ia o problema. Mas agora com a Rússia desesperada para resolver os seus problemas internos, é que vamos por esta forma gratuita feri-la e humilhá-la de maneira tão acintosa? Aliás, a história demonstra que a Rússia raramente invadiu para Ocidente. Fê-lo como reacção à invasão (Napoleão e Hitler) e depois recolheu-se (mais ou menos) nas suas fronteiras tradicionais. Os países satélites, depois da segunda guerra, representavam mais um antigo instinto de protecção (“un courdon sanitaire”) do que um avanço imperial propriamente dito.

Diz-se, sob boas autoridades, que quando o Chanceler Alemão Kohl convenceu Gorbachov em 1990 a não se opor à unificação alemã dentro da NATO, assegurou-lhe que esta organização defensiva não avançaria

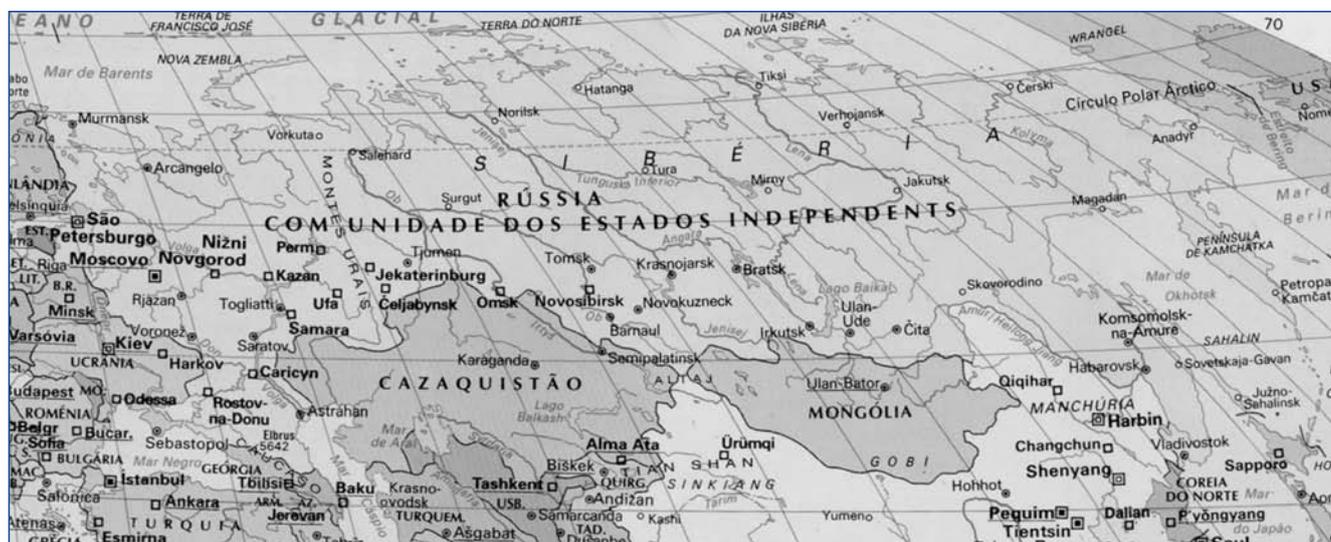
mais para leste. Se assim foi, e parece ser verdade, então houve uma grave quebra de boa-fé. Dirão uns, que interessa a boa-fé na “real politik”? Mas é esse, precisamente, o meu argumento. Para que nos interessa a nós, países fundadores da NATO, esta desnecessária provocação à Rússia?

E nós Portugueses? Vamos morrer para proteger a fronteira oriental da Polónia (“mourrir pour Dandzig”)? Todos vimos o espectáculo desolador e, em minha opinião, vergonhoso da participação (ou melhor, falta dela) na Guerra do Golfo. Uma guerra onde nós tínhamos um interesse directo (mais de metade do abastecimento de petróleo ao País vinha, na altura, do Golfo Pérsico) e um interesse de solidariedade com outros países aliados. Até quando se pôs a hipótese da Turquia (País irmão da NATO) ser atacada pelo Iraque, os nossos políticos negaram que isto implicaria uma intervenção nossa (havia eleições em breve). Foi lamentável. Não sei se se recordam da transmissão pela televisão da despedida duma Fragata nesta altura. As mães choraram, os mancebos agarravam-se aos familiares, prantos, ai Jesus! Enfim... A fragata foi para Maiorca!

Contudo, não ouvi (dos mesmos políticos tão corajosos na Guerra do Golfo) um murmúrio de discordância quando se debateu este desnecessário e nefasto alargamento da NATO.

O “problema Russo” será, verão, uma questão importante de segurança mundial no século XXI.

Paulo Lowndes Marques
8º CEORN



HOSPITAL DA MARINHA

RESUMO HISTÓRICO DE 200 ANOS DE ACTIVIDADE (CONTINUAÇÃO)

Com a entrada em Lisboa, em 24 de Julho de 1833, das tropas liberais comandadas pelo futuro Duque da Terceira, acontecimento recordado pela Avenida agora célebre na noite Lisboaeta, a guerra civil sofre uma viragem que irá culminar na Convenção de Évora-Monte.

Quando em Outubro desse mesmo ano, D. Pedro IV assume o poder em nome de sua filha, nomeia uma Comissão de Melhoramentos do Hospital da Marinha, entregando a sua chefia ao Dr. Bernardino António Gomes, no mesmo diploma indicado para Director do “Hospital Real da Marinha”.

Bernardino António Gomes, filho do notável médico e cientista com o mesmo nome, era já bem conhecido pelo Regente.

Nascido em Lisboa em 22 de Setembro de 1806, emigrara para França em 1828, quando em Coimbra frequentava Medicina, em virtude do ideário político que abraçara.

Acaba a sua formatura em Paris. Aí se relaciona com outros emigrados políticos, frequentando o círculo de Sousa-Holstein, que viria a ser o Duque de Palmela, e acompanhando-o quando da expedição à Terceira.

É já como Chefe dos Serviços de Saúde do Exército Libertador que desembarca no Mindelo, permanecendo nessas funções durante o cerco à cidade invicta, onde desenvolve notável acção, quer na organização sanitária das forças sitiadas, quer no combate à terrível epidemia de cólera que naquele período assolou a cidade do Porto.

Investido de plenos poderes por “Sua Majestade Imperial”, na dependência directa do Ministro da Marinha e Ultramar, Bernardino inicia um extraordinário trabalho de reorganização do Hospital da Marinha e da Saúde Naval, aplicando conceitos modernos, extinguindo estruturas caducas.

Cria o primeiro Conselho Administrativo de Saúde, extingue os cargos de Físico Mor e Cirurgião Mor da Armada, disciplina o Serviço Farmacêutico, impõe os fornecimentos de víveres, medicamentos e outros bens por Concurso Público.

Obriga todo o corpo de Cirurgiões a apresentarem os documentos de credenciação e dispensa quem o não faz.

Propõe um novo Regulamento de Saúde Naval, com o estabelecimento do quadro dos Cirurgiões e Médicos, seus direitos, deveres,

vencimento, condições de admissão e reforma.

É desde 1835 que o concurso de Admissão de Médicos para a Marinha se processa mediante Provas Públicas, por determinação desse Regulamento.

Reformula o quadro dos Boticários, que deixam de embarcar. Determina que todas as praças doentes baixem obrigatoriamente ao Hospital, por ali serem melhor tratados e para uma melhor percepção do estado sanitário dos efectivos.

A reforma do Serviço de Saúde do Ultramar não é menos profunda. A Bernardino se deve, em 1847, a fundação da Escola Médico Cirúrgica de Goa, que pelo menos até 1961 funcionou normalmente.



Paralelamente a toda esta actividade de organizador e administrativo, Bernardino António Gomes foi um notabilíssimo Médico do seu tempo, Professor da Escola Médica de Lisboa.

Particularmente interessado nas doenças mentais, criou no Hospital da Marinha a primeira Enfermaria moderna para tratamento destas patologias.

Mais tarde esteve também na origem da criação do primeiro Hospital Psiquiátrico do País - o actual Hospital Miguel Bombarda.

Entendendo que “o Serviço do Hospital e da Saúde dos navios do Estado e Ultramar está

regulado, que os quadros de Saúde estão preenchidos por pessoas competentes”, como diz na carta em que pede a exoneração, Bernardino António Gomes abandona o leme dos destinos do Hospital e da Saúde Naval em Julho de 1847.

É um fenómeno histórico reconhecido que a seguir a uma época de franco desenvolvimento, sucede geralmente um patamar de estabilidade, seguido, a médio prazo, de uma inevitável decadência.

Ao homem de génio que fôra Bernardino António Gomes sucederam homens vulgares. O País de novo se encontrava em recessão económica, a agitação política e os conflitos sociais relegaram para segundo plano as particularidades da gestão do Hospital da Marinha.

Foi preciso esperar por 1856, para aparecer à frente do Hospital outro Director, digno sucessor de Bernardino.

Manuel Maria Rodrigues de Bastos tinha no seu passado 13 anos de serviço como Físico-Mor de Angola.

Quando tomou conta da Direcção encontrou um quadro de pessoal septuagenário, com deficiências no equipamento hoteleiro, arsenal cirúrgico, escassez e impreparação de enfermeiros, entre outras gritantes deficiências.

Aumenta o quadro médico do Hospital, - Cria um corpo de Enfermeiros em Quadro único - Companhia de Saúde; cria o Quadro dos Alunos Aspirantes a Facultativos Navais, maneira eficaz de manter os quadros da Saúde Naval e do Ultramar preenchidos sem hiatos preocupantes, admitindo alunos por concurso e já graduados enquanto estudantes de Medicina, e promovidos a oficial quando de Licenciatura.

Aparentemente esta solução que vigorou quase cinquenta anos, parece estar de novo a ser enquadrada como exequível pela Tutela, como solução para o problema da “crise vocacional” da nossa juventude ... para com as carreiras da Medicina Castrense em geral e Naval em particular!

(continua)

Sub-Director do Hospital da Marinha
CMG MN Rui Abreu

BAZAR DA AORN



Serigrafia comemorativa da fundação da AORN
Esc.: 35.000\$00



Vinho engarrafado especialmente para a AORN
6 garrafas - Esc.: 3.600\$00
12 garrafas - Esc.: 7.000\$00

Medalha comemorativa do dia da Marinha 1996
Esc.: 2.500\$00



Anuário da Reserva Naval
Esc.: 2.000\$00



Medalha comemorativa do dia da Marinha 1997
Esc.: 2.500\$00